



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAPECURU-MIRIM  
CURSO DE LETRAS

GISELE BARROS MOREIRA

**O PLANETA AZUL AOS OLHOS DE INALDO LISBOA:** Um diálogo histórico através das crônicas de Inaldo Lisboa sobre a cidade de Itapecuru-Mirim.

Itapecuru-Mirim  
2018

GISELE BARROS MOREIRA

**O PLANETA AZUL AOS OLHOS DE INALDO LISBOA:** Um diálogo histórico através das crônicas de Inaldo Lisboa sobre a cidade de Itapecuru-Mirim.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Itapecuru-Mirim  
2018

Moreira, Gisele Barros.

O Planeta Azul aos olhos de Inaldo Lisboa: um diálogo histórico através das crônicas de Inaldo Lisboa sobre a cidade de Itapecuru – Mirim/ Gisele Barros Moreira. – Itapecuru – Mirim, 2018.

54 f.

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Campus de Itapecuru – Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2018.

Orientador: Prof. Maurilio Barros Cardoso.

1. Crônicas. 2. Históricas. 3. Itapecuru-Mirim. 4. Literatura. 5. Inaldo.  
I. Título.

CDU 821.134.3(812.1)

GISELE BARROS MOREIRA

**O PLANETA AZUL AOS OLHOS DE INALDO LISBOA:** Um diálogo histórico através das crônicas de Inaldo Lisboa sobre a cidade de Itapecuru-Mirim.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), do Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim (CESITA), como requisito para a obtenção do grau de licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura.

Orientador: Prof. Esp. Maurílio Barros Cardoso

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

---

Prof. Esp. Maurilio Barros Cardoso (Orientador)

---

2º Examinador

---

3º Examinador

À minha família

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem sua luz nada teria sido possível durante esta trajetória de quatro anos.

Agradeço incansavelmente ao meu orientador e estimado professor Maurilio Barros Cardoso, pela paciência, pelos ensinamentos e, acima de tudo, pela indispensável colaboração para a realização da presente monografia.

Agradeço à compreensão do meu esposo Eder e das minhas filhas Clara Gabrielle e Maria Clara, pois sempre me apoiaram e entenderam as tantas ausências em razão da licenciatura que agora concluo. Agradeço de forma especial à minha inigualável sogra, Marinilda Soares, que tanto me incentivou para que eu conseguisse chegar até aqui, assim como a minha mãe, Terezinha de Jesus, responsável por tudo de bom que há em mim, pois essa conquista também é dela. Do mesmo modo, agradeço aos meus irmãos, Samuel Barros e Keyla Mendes, aos meus sobrinhos e a todos os meus familiares que sempre estiveram presentes na minha vida.

Agradeço igualmente às minhas vizinhas Juliana e Silvana Marques que, em muitos finais de semana, bondosamente cuidaram de minha filha e assim tornaram possível a conclusão desta monografia. E, finalmente, considerando que esta monografia é o resultado de uma longa caminhada que começou mesmo antes de ingressar na universidade, não é fácil agradecer, pois, devido ao pequeno espaço disponível nesta página, corro o risco de não ser justa. Firmo o meu mais profundo agradecimento a todos que de alguma forma fizeram parte da minha vida e contribuíram para o que sou hoje.

*“Cada Vez mais vejo o planeta distante. O planeta  
Itapecuru Azul...”*

(Inaldo Lisboa)

## RESUMO

Esta monografia tem como foco a realização de uma análise histórico comparativa das crônicas de Inaldo Lisboa contidas na obra “Tudo e Azul no Planeta Itapecuru” de forma a evidenciar a importância das crônicas históricas sobre a cidade de Itapecuru-Mirim, proporcionando assim para o público leitor, em especial os itapecurueses, um enriquecimento cultural, bem como a construção de um universo mágico acerca de personagens reais, lugares e fatos relacionados à história do município, fomentando, como consequência, as relações com a literatura e cultura local. Dessa forma, este estudo monográfico está pautado numa análise literária destas mesmas crônicas à luz e contribuição de autores itapecuruenses como Santana, colega e colaboradora do referido autor na Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA), dentre outros autores que criaram com os seus escritos, um terreno fértil para esta pesquisa, sem os quais não seria possível realizar um embasamento referencial. .

**Palavras-chave:** Crônicas. Históricas. Itapecuru-Mirim. Literatura. Inaldo.



## **ABSTRACT**

This monograph focuses on a comparative historical analysis of the chronicles of Inaldo Lisboa, contained in the book "Tudo Azul no Planeta Itapecuru" in order to highlight the importance of the historical chronicles on the city of Itapecuru-Mirim, thus providing for the public reader, especially itapecuruenses people, a cultural enrichment, as well as the construction of a magical universe about real personages, places and facts related to the history of the municipality, fomenting, as a consequence, the relations with literature and local culture. Thus, this monographic study is based on a literary analysis of these same chronicles in the light and contribution of itapecuruenses authors such as Santana, colleague and collaborator of the said author in the Itapecuruense Academy of Sciences, Letters and Arts (AICLA), among other authors that created with the his writings, fertile ground for this research, without which it would not be possible to make a referential basis.

**Keywords:** Chronicles. Historical. Itapecuru-Mirim. Literature. Inaldo.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	09
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO: Entendendo as ramificações e contribuições literárias</b> .....	13
<b>2.1 Contextos da Literatura Itapecuruense</b> .....	16
<b>3 INALDO LISBOA: POETA ITAPECURUENSE</b> .....	21
<b>3.1 A produção literária de Inaldo Lisboa</b> .....	23
<b>4 TUDO AZUL NO PLANETA ITAPECURU: Um novo olhar sobre a crônica Itapecuruense</b> .....	32
<b>4.1 Resumo da obra</b> .....	35
<b>4.2 Proporções entre a crônica histórica de Inaldo Lisboa e a contextualização com sua própria história</b> .....	37
<b>4.3 Análise do enredo</b> .....	39
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	44
<b>5.1 Tipo de pesquisa</b> .....	44
<b>5.2 Técnicas de pesquisa</b> .....	45
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
<b>ANEXO</b> .....	52

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo monográfico fundamenta-se na ideia de que as crônicas são um importante caminho para a criação e compreensão literária, pois oportunizam ao público a compreensão do processo histórico e de suas representações, de modo a estimular a sociedade na melhor compreensão frente às transformações urbanas, por intermédio da relação entre Literatura e história.

Nesta mesma linha, cogita-se uma forte ligação entre o mundo da crônica e a admiração pela cidade natal (ou por aquela na qual se vive há um longo tempo), considerada enquanto marca sentimental entre o autor e/ou o leitor em relação aos encantos desta mesma cidade. Assim, tais lugares passam a ser contemplados – por meio da expressão subjetiva e artística de determinadas pessoas – com poemas, músicas, crônicas, peças teatrais e etc. que visam exaltar as belezas naturais da região ou ainda a sua gente, o cotidiano ou mesmo o excêntrico, dentre outros aspectos.

Pautando-se, pois, na cidade de Itapecuru-Mirim, torna-se fator observável o fato de ser uma cidade destinatária de tantas homenagens por meio das expressões supracitadas, realçando os atributos desta de diferentes formas, dentre elas (e de maneira especial), a crônica, que, por ser um gênero multifacetado, desempenha um importante papel na construção da memória social, servindo de registro histórico para o diálogo entre autor, público e obra.

Verifica-se, conseqüentemente, que o escritor cronista retira do seu contexto as informações necessárias para a criação dos seus personagens e suas respectivas linguagens. Além disso, o pesquisador da literatura e das demais áreas das ciências humanas se ocupam do texto literário para a compreensão das sociedades humanas, pois acabam na verdade, produzindo representações sobre o objeto estudado.

Com isso, as crônicas (em todos os contextos: histórico, social, pedagógico etc.), são consideradas documentos importantes, por exemplificarem a diversidade de fatores histórico-sociais analisados pelo historiador/poeta que, por sua vez, estabelecem de forma ampla e significativa uma série de elementos que resultarão em registros memorialísticos de uma sociedade. Desta forma, e de maneira mais específica e direcionada, nota-se que o cenário de riquezas literárias e artísticas que o seio de Itapecuru-Mirim construiu e ainda constrói é extenso, rico e prolífero.

Contudo, esta monografia pretende destacar pela gama de produções literárias e construções de cunho artístico, um autor considerado pela crítica itapecuruense e até mesmo maranhense, como um dos melhores cronistas que Itapecuru-Mirim já conheceu. Fala-se de Inaldo Lisboa, que passeia nas construções literárias nas vertentes que englobam o seu perfil romancista e cronista e ainda assim, de crítico sagaz, excetuando-se as suas admiráveis incursões teatrais.

Nesse sentido, este estudo monográfico pautou-se em questionamentos que afunilaram a sua temática, direcionando-o para uma construção que permitisse entender como as crônicas da obra “Tudo Azul no Planeta Itapecuru” de Inaldo Lisboa constroem um diálogo histórico com a sociedade itapecuruense, evidenciando a importância destas mesmas crônicas para o enriquecimento das memórias da cidade de Itapecuru-Mirim e o público, destacando a cultura e os personagens históricos que fizeram e fazem parte da sociedade Itapecuruense.

É importante ressaltar o contexto histórico e sociocultural da literatura itapecuruense que consolidou-se com a vinda dos colonizadores ao Maranhão, mantendo-se internamente ligada à Literatura Brasileira e portuguesa, francesa e holandesa por um longo período, firmando-se em expressões e estilos de cada época espelhados aos moldes europeus (de certo modo), dotada por caráter subjetivo e atrelada a acontecimentos importantes para a formação da identidade literária e cultural do Maranhão.

De certo, o prazer pelas recordações provocadas por meio das crônicas deu-se a partir do contato e da relação com o objeto vivido, relatado em um contexto de mudanças sobre o trabalho de memórias de um povo, em uma ligação inseparável com o tempo.

Desta forma, pode-se inferir ainda que o gênero textual crônica se consolida por narrar um fato de acordo com a ótica de escrita do cronista, levando em conta as suas memórias, experiências, valores e atitudes voltados à sua contemporaneidade.

Neste sentido, menciona-se ainda que a crônica se caracteriza pela retirada de fatos e acontecimentos do cotidiano, que estimulam a reflexão do cronista por emitirem uma visão subjetiva, pessoal e (até mesmo) crítica sobre a realidade em que vivem ou viveram. Mediante isto, percebe-se que as crônicas possuem como maior alvo o tempo, visando um resguardo possibilitado de fatos e de características, que, com o passar dos anos, tendem a dissipar-se. Afirma-se, neste modo, que a construção de uma escrita como esta, constitui um momento sensível de detalhes,

acentuando marcas das experiências vividas e inspirações registradas. Trata-se, portanto, da exposição (de maneira clara e objetiva) de relatos ligados a uma memória considerada individual.

Em contrapartida, as mudanças ocorridas em toda a sociedade itapecuruense e os seus reflexos no cenário urbano, alteraram (além da escrita) a própria relação com a memória e a sua percepção e representação na literatura. Em configuração renovada, este espaço social assume lugar de excelência cultural, acompanhada cada vez mais de memórias, sobretudo nas décadas de setenta e oitenta, no qual vivem tempos de esplendor, mas também de fatos avessos à cultura do município.

Em linhas gerais, o presente estudo monográfico pretende igualmente tecer-se enquanto pesquisa bibliográfica que busque investigar na literatura especializada local do município de Itapecuru-Mirim, os autores que tratam em seus estudos sobre a vida cultural da cidade, tais como das lavras de Jucey Santana, do próprio Inaldo Lisboa e de Benedito Buzar, que ressaltam o contexto literário da cidade, os seus fatos e personagens históricos, bem como a contribuição de outros autores de cunho nacional como Antônio Candido, Marcelo Souza, Rogério Menezes, Nélia Ferreira, Rildo Cosson, José Melo e Martins.

Por outro lado, é também importante dar prosseguimento ao campo de estudos referentes à literatura e à sociedade Itapecuruense através de uma sequência de acontecimentos importantes que transpõem os limites de informações, mais especificamente sob a presença do cotidiano do autor Inaldo Lisboa, que conjuga os estudos literários aos estudos de pensamento social brasileiro enquanto vias de acesso que possibilitam uma melhor compreensão sobre os aspectos da riqueza cultural particular que se reflete, sobretudo, na relação social.

Inaldo Lisboa a partir de sua obra em estudo pretende corroborar para a formação patrimonial de um público leitor que se educa também enquanto cidadão consciente e responsável por zelar por bens culturais e memoriais.

No que se refere a Inaldo Lisboa, é possível perceber, em sua obra, que a leitura da cidade e de seus acontecimentos aglutina a compreensão do seu desenvolvimento e de seus propósitos, realizando-se por meio da crônica de maneira bastante significativa. Da mesma maneira, só é possível entender os personagens das crônicas, à medida que se entende a sua relação com a cidade.

Assim, torna-se relevante o estudo acerca das crônicas do autor Itapecuruense Inaldo Lisboa em seu Livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, resgatando a vivência

em uma determinada época, entendendo o passado que continua a existir em sua essência como presente, vindo restabelecer ou estabelecer uma nova dimensão para os sentidos de coisas e de pessoas.

Com base nos estudos relacionado as crônicas de Inaldo Lisboa , busca-se aproximar a relevância das crônicas do autor dentro da sociedade Itapecuruense como um todo, haja vista a inauguração de uma nova maneira de se fazer crônicas, aliando grandes fatos históricos da cidade ao seu próprio contexto, garantindo um valioso patrimônio cultural, artístico e literário para a população deste município, da mesma forma como erigiu um atrativo a outros pesquisadores que desejem adentrar ao campo da arte e cultura deste povo.

Dessa forma, o que se anseia por meio desta monografia é perceber o quão as crônicas de Inaldo Lisboa são importantes para a vida individual, cultural e social do público itapecuruense, pois possuem como maior alvo o resgate de fatos históricos da cidade, pertinentes para a compreensão de acontecimentos e registrados de fatos, ampliando a visão das pessoas para uma nova maneira de olhar o cotidiano.

## **2 CONTEXTO HISTÓRICO: Entendendo as ramificações e contribuições literárias**

A literatura é considerada um fenômeno de expressão global que perpassa a todo instante por transformações, à medida que vai se encorpando o seu conjunto vasto de produção literária. Ao considerarmos a literatura local um testemunho histórico de apreensão da dinâmica social, conseqüentemente leva-se a entender também o escritor como um produto de sua época e de sua sociedade.

Diante desse processo de mudanças, precisam estar envolvidos os diversos aspectos da linguagem capazes de provocar um efeito estético ou emocional em quem lê, transportando este mesmo leitor para outros níveis e ressignificando-o de acordo com a realidade da visão de determinado autor.

O crítico e sociólogo Antônio Candido define a literatura enquanto:

Arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõem um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. (CANDIDO, 1972, p.53).

De modo geral, quando se menciona a literatura maranhense, nota-se que os seus primeiros registros deram-se no século XVII, com a chegada dos franceses ao Maranhão, mais precisamente em meados de 1612, só começando de fato a se consolidar como produção literária no cenário das letras nacionais em 1832, com a publicação do poema “Hino à Tarde”, de Odorico Mendes, que trazia em seu contexto o debate sobre a formação de uma literatura propriamente maranhense.

Diante desta afirmação o cenário literário do Maranhão foi permeado pela crise econômica que o país enfrentou no século XIX, sendo motivo de problema a singularidade da cidade de São Luís, que centralizou sua história literária em torno do “grupo Maranhense” na era romântica brasileira, que por sua vez era composto por intelectuais literatos das letras maranhenses, dentre os quais se destacaram nomes como os de Gonçalves Dias, Odorico Mendes, Sotero dos Reis, Sousândrade, dentre outros.

Sobre esta questão vale ressaltar as contribuições de Brasil (1998), como se lê a seguir:

A Literatura Maranhense é magnífica, cheia de encantos em suas histórias, poesias, cordéis (...) expressando musicalidade única por dar vida em seus enredos à sociedade e descrever as belezas da terra (BRASIL, 1998, p.65).

Em virtude dos fatos mencionados, faz-se necessário enfatizar a intensa contribuição do “Grupo Maranhense” na criação resoluta de um particularismo nobre que singularizasse a Província do Maranhão, distinta de produção e manifestação literária que a princípio era o fruto da transição do Arcadismo para o Romantismo. Afinal, os escritores maranhenses relacionavam-se com as suas obras por meio de vínculos absolutamente históricos, compreendidos em narrativas produzidas no contexto que os tornavam possíveis.

Essas possibilidades criativas de produção literária proporcionaram uma leitura eficaz sobre a criação da chamada “Atenas Brasileira”, simbologia criada à província maranhense como sinônimo de grandeza a seus literatos, que pautavam suas ações na individualidade de cultura e da instrução.

Neste âmbito, parafraseando Martins (2006, p.177), pode inferir que a partir da construção alegórica ou simbólica do passado de São Luís como cidade letrada com o resgate do passado glorioso, buscou-se construir uma alusão diferenciada a uma parte da nação brasileira, criando-se o mito da *Atenas Brasileira*.

Diante do explicitado, vislumbra-se que a vida cultural no Maranhão ganha intensidade e expressividade após essa simbologia, pois a literatura floresce com uma enorme quantidade de intelectuais e escritores da terra. Nomes como os de Gonçalves Dias, João Lisboa, Cândido Mendes, Odorico Mendes, Sousândrade, Humberto de Campos e outros, constituíram o cenário literário que fez do Maranhão o grande panorama da poesia, da prosa e da produção jornalística no século XIX.

Por esta razão convém fazer algumas considerações significativas sobre a trajetória do desenvolvimento das letras no Maranhão e a contribuição sociocultural literária deixada no estado, no que condiz a um novo padrão de sociabilidade meio a setores sociais e intelectuais da época.

A exemplo, cita-se a criação da Academia Maranhense de Letras (AML), considerada a entidade superior literária e cultural do Estado do Maranhão, fundada a 10 de agosto de 1908, no início do século XX, tendo como seu patrono o poeta Gonçalves Dias, cuja escrita objetivava a propagação das letras maranhenses voltadas do coletivo ao individual de seus membros. A AML tece ainda uma



Itapecuruense ilustre em sua composição inicial, a poetisa Mariana Luz que possibilitou a conquista da cadeira de número trinta e dois na Academia Maranhense de Letras com o seu livro “Murmúrios”. Essas criações deixaram marcas profundas na história cultural do maranhão.

Foi exatamente ao redor destas ações que o ideal indenitário da literatura no maranhão começou a ganhar vez e voz, se expandindo então em todo o território maranhense, momento em que a ação individual de cada literato era interpretada como uma contribuição consciente de produção literária que impulsionava os sujeitos e os autores à reflexão do ambiente do social. Nesta perspectiva, os autores itapecuruenses se consolidaram a esse fenômeno literário de primeira grandeza.

Pautado nesta mesma visão, Souza (1988, p.34.) sustenta a ideia de que o espaço pode representar o suporte - o palco - e, ao mesmo tempo, o veículo - o ator - de um processo dinâmico de lutas entre o que já existe e o que quer impor existência. Com isso, pode-se denotar que as cidades são a expressão latente da sociedade humana, representando uma concreta evolução organizacional em interface com o ambiente que a envolve.

É importante ressaltar que modernização do espaço físico ao longo do tempo surge em consequência de aspectos ideológicos, políticos e econômicos, capaz de transformar a escrita, a memória e a percepção de muitos autores na literatura. Sabe-se que o cronista abstrai do cotidiano fragmentos transformando-os em matéria literária, dotada de linguagem simbólica que acessível ao público.

Para criar uma intimidade com o leitor, há uma aproximação com o real por meio da linguagem. Conforme afirma Antônio Candido(1992).

[...] o fato de ficar tão perto do dia-a-dia age como quebra do monumental e da ênfase. A crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor (CANDIDO, 1992, p. 29).

No que se refere às cidades e à compreensão do seu desenvolvimento e de seus enigmas só é possível entender os personagens das crônicas, à medida que se entende a sua relação com os fatos e com a cidade. Nesta mesma perspectiva, pode-se inferir que os registros históricos da cidade passam a ser alicerçados no cotidiano

das experiências concretas vividas por seus habitantes, através das quais os cidadãos deixam impressas as suas marcas de vida e de pertencimento.

## **2.1 Contextos da Literatura Itapecuruense**

Inicialmente, para se realizar uma análise literária na obra de Inaldo Lisboa, faz-se necessário considerar o seu contexto temporal e as suas realizações estéticas, tornando-se importante o recurso e o pensamento para que não haja um embasamento apenas cronológico, mas também paralelo à própria ideia e construção da literatura local.

A preservação da memória literária municipal da cidade de Itapecuru-Mirim na questão da conservação de registros de memória nos diferentes contextos e suportes, justifica-se pela reflexão sobre os fatos históricos marcantes da determinada sociedade. O conceito de memória está enraizado enquanto fenômeno social se apresentando relativo a um processo histórico e tradicional que observa e analisa as características culturais de um determinado povo.

Dessa forma a compressão linear do pensamento de um autor torna-se os olhos de seu tempo percorrendo sua trajetória e seus possíveis limites expressos nos conceitos e categoria de sua época.

Neste aspecto, menciona-se a produção literária da cidade de Itapecuru-Mirim relacionada à esfera municipal por ser dos mais antigos e importantes municípios maranhenses, onde a modernização do espaço físico surge em consequência de outros aspectos ideológicos, políticos e econômicos.

Por isso, torna-se igualmente importante entender a história da cidade de Itapecuru-Mirim enquanto construtora de um estreito laço com as suas produções literárias. Esse sentimento de pertencimento a uma cultura, a do itapecuruense, traduzida especialmente nas crônicas, já começa a ser delineada historicamente pela povoação inicial à margem direita do rio Itapecuru, em data anterior a 1768, mesmo período em que os moradores da ribeira pediram ao Rei de Portugal o alvará de confirmação da vila, que ali fora fundada por ordem régia de 27 de novembro de 1817.

Segundo Benedito Buzar (2014, p. 5) a história da cidade de Itapecuru-Mirim:

Itapecuru-Mirim é um dos mais antigos e importantes município do Maranhão. Comprova-se isso pelos atos históricos e emblemáticos ocorridos nos séculos XVII e XVIII, a exemplo da fundação da

Freguesia de Nossa Senhor das Dores, pela Provisão Régia de 25 de setembro de 1802; da criação e instalação da vila, pelas Provisões Régias de 27 de novembro de 1817 e de 20 de outubro de 1818; e da elevação da vila à categoria da cidade, estabelecida pela Lei nº919, de 21 de julho de 1870, aprovada pela Assembleia Provincial e sancionada pelo presidente em exercício, José da Silva Maia (BUZAR, 2014, p. 5).

Após a elevação de vila para cidade, o avanço urbanístico de Itapecuru começou a ser alcançado na década de 40, contribuindo para a ampliação do seu espaço territorial. A nova realidade mostrava-se tão visível, que um dos primeiros atos de Miguel Fiquene, prefeito à época, foi enviar à Câmara Municipal um projeto determinando a delimitação das zonas urbanas e suburbanas da cidade, tendo-se em vista uma ocupação da população em locais outrora ocupados por chácaras, fazendas e sítios.

O início do século XIX marca a chamada modernidade, que se mostra pela mudança de comportamento no que se diz respeito à transformação do ambiente social da cidade de Itapecuru, que passa a ter um ambiente urbano adaptado ao tráfego, produzido pelas mudanças.

Com o passar dos anos, num prazo mais preciso de oito anos depois da determinação da cidade de Itapecuru-Mirim em zona urbana e suburbana, ocorreu a construção de uma ponte de concreto sobre o Rio Itapecuru, inaugurada em 1º de agosto de 1956, ponte que representava um novo progresso na cidade.

Diante dos fatos mencionados, houve a desativação da antiga ponte flutuante sobre o rio Itapecuru, por onde atravessavam os passageiros e as cargas transportados pelos caminhões, originando o nascimento de um nova via pública que cortava a cidade horizontalmente para o trajeto de Itapecuru à Vargem Grande ser mais seguro. A referida avenida foi nomeada de Avenida Brasil e existe até hoje no município, sendo considerada uma das mais movimentadas do centro da cidade de Itapecuru-Mirim.

Diante desse quadro, Itapecuru-Mirim teve um papel importante na história do Maranhão nas lutas pela independência do Brasil, registrando-se como fatos relevantes para o registro local, refletindo dessa forma a inserção da história local no cotidiano social, visto que foi uma das cidades mais progressistas do Maranhão, tornando-se uma cidade de riquezas culturais, históricas e sociais.

Tais aspectos buscam, na verdade, repensar uma nova ideia sobre o povo itapecuruense e sua história, realçando os principais traços que caracterizam a formação de sujeitos literários. Até mesmo a implantação da Avenida Brasil contribuiu significativamente para a expansão da cidade, viabilizando o surgimento de numerosas praças, ruas, becos, travessas e bairros densamente povoados, mas desordenados do ponto de vista topográfico.

Dando continuidade, mais precisamente no ano de 1965, o atual prefeito da cidade (Abdala Buzar Neto) sanciona a lei pela Câmara Municipal que estabelece o novo perímetro urbano da cidade.

O prefeito Abdala Buzar Neto em 14 de maio de 1967 sanciona a lei votada pela Câmara Municipal que estabelece o novo perímetro urbano da cidade, constituído de um quadrado formado pelas ruas José Paulo Bogéa, ex-Mocambo, Luís Cajueiro, ex-cametá, Nilo Peçanha, ex- Grande, e José Gonçalves, ex- Egito. A praça da Cruz será o ponto inicial e final dessa divisão (BUZAR,2014, p.60).

A preocupação em demonstrar progresso e modernidade de Itapecuru-Mirim se detém ao material visível do ponto de vista urbanístico, considerada uma das mais bem traçadas do Maranhão. Além de modernizá-la, contribuiu para ampliar o seu espaço territorial.

Outro fator histórico que norteia a história da cidade de Itapecuru-Mirim se dá nos anos de 1970, com a posse do prefeito Raimundo Nonato Cassas e o seu vice, Leonel Amorim, para o mandato de três anos consecutivos de 31 de janeiro de 1970 a 31 de janeiro de 1973, seguidos pelos mandatos de Miguel Fiquene e o vice Hercílio do Lago Filho nos anos de 1973 e a posse no ano de 1977 do Prefeito José Lauande Fonseca e seu vice Elias Montelo Fonseca, que se beneficiaram com a emenda constitucional de 14 de setembro de 1980 que prorrogava seu mandato por mais três anos, até 1983.

Até meados do século XIX o cenário itapecuruense foi marcado pela pobreza e enfraquecimento, onde a maioria dos povoadores dedicava-se a uma agricultura rudimentar, com predomínio do cultivo da mandioca, apenas capaz de suprir as demandas básicas da alimentação e vestuário em uma capitania onde tudo era carência, as plantações de arroz já existia no Maranhão como produto nativo.

Devido a isto, a cidade ganha espaço por meio de vários acontecimentos do século passado, desdobrando-se em mudanças em toda a estrutura da sociedade

Itapecuruense, cujo reflexo atinge o cenário cultural das mais diversas formas, resultando numa gama de produções literárias e artísticas de identidade cultural.

De acordo com o elucidado anteriormente, vale ressaltar o magnífico local de grandes nomes das letras e das ciências que Itapecuru-Mirim se tornou, pela consagração de alguns de seus habitantes, fato este que se tornou propício à popularização e espaço da literatura local. Como exemplos renomados podem-se citar os imortais Gomes de Souza, João Lisboa, Henriques Leal, Inaldo Lisboa, Viriato Correia, Mariana Luz e Benedito Buzar enquanto referências nos séculos XIX e XX. A observação crítica de fatos históricos sobre o contexto no qual originou a literatura itapecuruense releva a variedade cultural e enriquecedora das obras literárias lançadas por autores da terra, no qual enriquecem a história da cidade. A história de Itapecuru-Mirim está encadeada à própria concepção de arte literária, sendo contemplada com uma Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA), fundada em 11 de dezembro de 2011, vindo a despertar um fervor de aspectos sociais e culturais aos amantes da literatura local, impulsionando assim a produção e divulgação da cultura letrada do município em todo o Estado do Maranhão.

No contexto citado anteriormente o autor explicita:

Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (AICLA), fundada em 11 de dezembro de 2011, vem cumprindo um significativo papel de trazer a luz a memória cultural de seus intelectuais e artistas; seja organizado e disponibilizando o material biográfico e bibliográfico de seus escritores; seja divulgando textos inéditos ou que estavam esquecidos para que estudantes, professores, pesquisadores e sociedade em geral possam ter acesso a um importante acervo literário que registra a história e a arte de Itapecuru-Mirim e, porque não dizer, de uma região maranhense com muitas referências literárias, artísticas e científicas (LISBOA, 2005 p.11).

Dessa forma, convém ressaltar a contribuição do contexto histórico citado acima e a suma importância para a criação de uma academia que viesse a valorizar os artistas e intelectuais itapecuruenses, imortalizando-os na memória de toda a sociedade para que esta tenha uma consciência crítica de valorização dos autores e das obras do passado e da contemporaneidade.

Com a criação da AICLA e a publicação de vários livros por autores da terra, foi estimulada e a divulgação do trabalho autoral de seus membros correspondentes, que são pessoas nascidas ou residentes em Itapecuru, que têm contribuído com os projetos da Academia.

Nesta linha de raciocínio, a autora Santana (2012, p.34) colabora dizendo:

Desde 2014 que a literatura Itapecuruense vem se enriquecendo com várias obras lançadas pelos filhos da terra, despertando assim da letargia de mais de meio século de silêncio. Com a fundação da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes, em 2011, houve um despertar para as artes literárias, mostrando que a instituição cultural vem cumprindo os seus objetivos estatutários.

Diante dos argumentos acima relatados sobre a importância de se preservar a memória histórica e cultural de uma sociedade, sentiu-se a necessidade no município de Itapecuru-Mirim de conservação do registro das informações organizadas no livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, onde se narram alguns acontecimentos do município, assim como se recordam alguns fatos, necessitando da preservação por que estes registros carregam a memória histórico-cultural da sociedade itapecuruense.

Nesse sentido, ao estudar o processo histórico-social e as manifestações artísticas da literatura, procurou-se discutir sobre a produção literária e as peculiaridades que fornecem elementos e subsídios para o conhecimento em relação a seus múltiplos aspectos. Visto que o espaço da memória é também o lugar dos encontros, das sociabilidades.

As funções dos prédios comerciais, das casas, da cidade se alteram, e o cronista filosofa sobre isso. No entanto, ainda restam, no registro escrito das crônicas, como pode-se observar nos textos aqui citados, outras possibilidades de interpretação, aproximação e desvelamento desses espaços.

### 3 INALDO LISBOA: POETA ITAPECURUENSE

Inaldo Lisboa é considerado há muito tempo como um dos grandes escritores maranhense e itapecuruense. Dono de uma obra vasta, na qual se destacam romances, peças teatrais, contos, crônicas, poemas, entrevistas, dentre outros, o autor carrega o nome da cidade natal por toda a extensão do território brasileiro.

Cronista, teatrólogo e educador maranhense, Francisco Inaldo Lima Lisboa, nasceu em Itapecuru-Mirim, em 19 de julho de 1964, sendo filho de Raimundo Nonato Lisboa e Maria Davimar Lima Lisboa. Morou durante sua infância no povoado São Francisco às margens da BR 135, zona Rural de Itapecuru-Mirim, vindo anos mais tarde precisamente em 1972 para Itapecuru, onde estudou no Grupo Escolar Gomes de Sousa.

Durante sua juventude em 1980 aos 16 anos fora estudar na capital do estado em São Luís, para concluir o Ensino Médio, momento exato em que sentiu-se atraído pela literatura e pelo teatro, sendo o último só despertado após assistir ao espetáculo “Ave de Arribação” de Aldo Leite no Teatro Arthur Azevedo, encantando-se a partir deste momento com o despertar para o teatro. Em uma de suas vindas para Itapecuru durante as férias, resolveu fundar o grupo de teatro “Noroeste” que depois de algum tempo veio o grupo denominado “Teatro Experimental Itapecuruense” (TEIT), ano em que elaborou a sua primeira peça teatral, intitulada: “Povo de Araçá”, teatro este que se destacou por uma das suas grandes apresentações, a “Paixão de Cristo”, encenada todos os anos durante a Semana Santa, assim como na montagem do espetáculo “Caminho de Pedras Miúdas”, criado a partir de pesquisas sobre a cidade de Itapecuru-Mirim.

Vale ressaltar na trajetória de vida do autor a sua esplêndida fascinação pelo mundo das artes por conta da admiração pelo trabalho de Aldo Leite grande teatrólogo maranhense, admiração esta que o levou a roteirizar um documentário “No Palco com Aldo Leite” que relata a vida e obra do artista, com o intuito de homenagear o artista que influenciou com êxito a sua vida sociocultural.

Diante desse contexto a ida do autor Inaldo Lisboa nos anos oitenta para a capital foi de suma importância para sua carreira, pois o mesmo travou contato com pessoas e artistas do “Movimento Cultural Artístico do Maranhão”, no qual participou, marcando sua formação profissional, pois o mesmo possuía interesse pelas artes,

mas não tinha formação acadêmica nem a vivência, visto que a cidade de Itapecuru era insipiente.

Foi integrante de um grupo de teatro criado pelo professor Jaime Furtado, na oficina de teatro do Projeto Prodiarte, no Colégio Gonçalves Dias em São Luís Ma, denominado “CARICARETAS” dirigido pelo saudoso ator Jaime Furtado.

Graduou-se em letras nos anos noventa pelo Centro de Ensino Unificado do Maranhão-CEUMA e, em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, pela Universidade Federal do Maranhão-UFMA, no qual se fez intérprete, privilegiado suas produções oriundas dos anos na cidade natal.

Especializando-se logo em seguida em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira, dá continuidade em seus estudos no mestrado em Educação pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ e, posteriormente, nos anos dois mil, segue doutorando-se em Educação pela Universidade Nacional de Rosário-UNR, na Argentina.

Além disso, é membro fundador da Academia Itapecuruense de Ciências Letras e Artes (AICLA), ocupando o cargo de Vice-Presidente, assim como a cadeira de número 10, que tem o professor e poeta João Batista Pereira dos Santos como patrono, estando associado à Sociedade Brasileira de Autores Teatrais – SBAT.

Ainda convém lembrar que desde 1995, é professor efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) São Luís, Campus Maracanã, (antiga Escola Agro técnica Federal de São Luís) e ocupou o cargo de diretor do Departamento de Desenvolvimento Estudantil (DDE). Por outro lado, foi vencedor do Prêmio Água Fonte de Vida e Desenvolvimento de 2007, na categoria texto teatral, com a peça Canto d’Água, promovido pela Companhia de Águas e Esgotos do Maranhão – CAEMA.

Neste mesmo ano no 31º Concurso Literário e Artístico da Cidade de São Luís, conquistou os prêmios Artur Azevedo, com o livro “Nicéas Drummond: o gavião vadio”, e “Graça Aranha” e, na categoria novelas e romances, pelo livro “Os novos degredados do Éden”.

Vestindo-se do seu talento multifacetado e artístico o autor abusa de sua condição para trazer ao público as suas lembranças históricas da cidade e de suas personagens que constituíram as suas lembranças no livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, lançado em 2005 e “Tudo azul no planeta Itapecuru - Volume 2”, lançado em 2018.



Entre suas inúmeras obras destacam-se as peças teatrais “Nossa Velha Canção”(1996); Babaçu is Business(1999); “Moderniscravizando” (2006); “Os órfãos de Ayrton Senna” (2004); “Transgênicos or not Transgênicos” (2005); “Um Grito Vindo do Rio Itapecuru” (1997), e as peças ambas de sua autoria “Que espetáculo é esse” (1987) e “O Filme de Ontem” (1988), ambas encenadas pelo grupo CARICARETA.

Dedicando-se à dramaturgia com filmes e documentários, dentre eles se destacam a metragem “Caminho de pedras Miúdas” e o livro “Joao Batista: um homem Itapecuruense e sua múltipla história”. Além de “No tempo de Abdala era assim” (documentário) e “Uma sexta-feira em 1940” (filme).

Nos últimos anos, encontra-se como diretor geral do (IFMA) do Campus Itapecuru-Mirim, onde volta para sua terra natal com o intuito de propagar a educação e cultura artística do município de Itapecuru.

### **3.1 A produção literária de Inaldo Lisboa**

Com talento e determinação Inaldo Lisboa transmite a realidade vivida na sociedade itapecuruense através de suas crônicas com significado inteligível, eclético, com linguagem compreensível, num contexto texto leve, na maioria das vezes permeado de lembranças.

Segundo Vivald apud Melo (2002, p. 141)

O característico da verdadeira crônica é a valoração do fato ao tempo em que se vai narrando. O cronista, ao relatar algo, nos dá sua versão do acontecimento; põe em sua narração um toque pessoal. Não é uma câmera fotográfica que reproduz uma paisagem; é o pincel do pintor que interpreta a natureza, imprimindo-lhe um evidente matiz subjetivo.

A literatura itapecuruense aponta Inaldo Lisboa como um venerado literato da história do município, além disso, os seus registros biográficos não deixam dúvidas de que também é um distinto teatrólogo, colaborando com a sociedade itapecuruense durante praticamente toda a carreira de escritor e cronista.

Dentre tantas publicações de sua autoria ao longo da carreira de escritor, o papel do cronista também vai se definindo em contornos cada vez mais nítidos e marcantes sobre sua terra natal, transformando em missão de infundir lembranças no pensamento do público.

São diversos os temas explorados pelo autor no contexto literário de sua obra, como o sentimento de saudade, presente em várias crônicas, dentre elas: “as sete histórias sobre uma cigarra itapecuruense ou a cigarra que envelheceu cantando”, destinada a grande poetisa Mariana Luz, segunda mulher a ingressar na Academia Maranhense de Letras.

Poetisa inspirada teve, Mariana Luz, na modéstia de seu viver, teve seu mérito reconhecido pela Academia Maranhense de Letras que a elegeu para um de suas cadeiras. Ocupou a de número trinta e dois, teve como patrono Vespasiano Ramos. (LISBOA, 2005, p. 33)

A religiosidade também se mantém presente nas crônicas “Coração de Jesus, mês de junho, a casa de Ana Julia que retrata as rezas que ocorriam na casa de Ana Júlia em louvor ao Sagrado Coração de Jesus, “Festejo de São Benedito” que relembra o festejo que ocorria todos os anos no dia primeiro de janeiro na cidade em homenagem a São Benedito.

Todo mês de junho, na casa de Ana Júlia, próxima ao mercado, era dedicado às rezas ao louvor ao Sagrado Coração de Jesus. Ana Júlia Conhecida rezadeira da cidade e parteira competente, reunia sua família e mais outras devotas para cada noite, rezarem o terço, entoarem as ladainhas e cantarem ao santo da devoção. (LISBOA, 2005, p. 55)

A rivalidade também era presente em tons de disputas na crônica “Ginásio Bandeirantes versos Leonel Amorim”, que fizeram história pela competitividade com que seus alunos se tratavam. A morte é outra temática presente, ocorrendo num tom fúnebre e precoce na crônica “João Batista e o raio”, que narra a morte de João Batista enquanto jogava futebol com os amigos no campo do “Renalt”, próximo ao CAIC, durante um dia chuvoso.

Nesse contexto e temáticas presentes as crônicas de Inaldo Lisboa, através de seu discurso descomprometido, incumbido de talento, conhecimento e sensibilidade, dentre outras habilidades, tem o poder artístico de externar fatos, mostrando um ponto de vista diferente e intenso, ligado a acontecimentos e capaz de provocar a reflexão no público leitor.

Rogério Menezes (2002, p. 168) aponta que o leitor da crônica é o grande e bem-vindo interlocutor, e que:

Com ele o cronista deve dividir tudo (ou quase tudo): questões pessoais que o afligem, viagens ou não-viagens que fez, lembranças alegres e tristes, crises de inspiração que eventualmente enfrenta. Enfim, há que seduzir o leitor, aproximar-se dele, tornar-se íntimo dele, transformar-se naquele cara que é procurado quando a pessoa enfrenta momentos difíceis. Em certos momentos, principalmente neste mundo de solitários em que vivemos, o cronista periga de se tornar alguém da família. Ou, se bobear, um amante.

Muitos dos escritores brasileiros consagrados puderam obter mérito em sua carreira iniciando as suas publicações em jornais, encontrando ali, inclusive, o seu meio de sobrevivência. Deste mesmo modo, muitos autores ainda desconhecidos do grande público encontraram na imprensa uma porta para a vida literária.

É interessante pensar na tarefa do cronista como um antecessor do romancista, pois este acaba transportando para a prosa alguns dos seus principais temas líricos. Portanto, a escrita de crônicas vence uma grande etapa para o seu histórico percurso: levar o leitor à curiosidade de ler, quer sejam coletâneas, quer sejam romances, erigindo também uma experiência estilística literária rica.

Neste mesmo sentido, afirma-se que as crônicas do autor Inaldo Lisboa formam um gênero literário que se ajusta inteiramente à modernidade, independente de quando foi escrita. Sua publicação inicial garante o cunho de atualidade na época em que são escritas e lidas.

Em síntese, as crônicas de Inaldo Lisboa surgem enquanto adjetivos de bom gosto, coerência, justeza e considerável leitura. Suas crônicas tornam-se importantes para o enriquecimento da cidade de Itapecuru-Mirim, por trazerem de forma latente a vivência do cronista no centro do sistema político e literário da cidade, porque nela engrandece-se o potencial entre suas memórias, onde o seu olhar, como todo bom cronista, vai se voltar aos elementos mais cotidianos da cidade.

Dessa forma, propõe-se fomentar um resgate histórico da memória do cotidiano de personagens e acontecimentos da cidade de Itapecuru-Mirim por meio do estudo de crônicas produzidas nas décadas de 1970 e 1980. Num universo no qual uma sociedade era desvalida de desenvolvimento e tecnologia, pode-se considerar a literatura do cotidiano traduzida nas crônicas de Inaldo enquanto privilégio.

Dado o exposto, o livro de Inaldo Lisboa “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, lançado em 2005, é constituído de fatos históricos da cidade de Itapecuru-Mirim, já aludindo em seu tema à cor azul anil do imenso céu de nuvens da cidade de Itapecuru, cuja obra constitui-se em contos, poemas, crônicas e uma entrevista. A obra é uma

coletânea de crônicas que até hoje é tida como um dos mais importantes da literatura de Itapecuru, por representar um divisor de águas na literatura do município. Isto se deve não apenas por se tratar de uma obra forte do ponto de vista social, mas por destacar os aspectos memorialísticos de sua terra natal.

Assim, apresenta-se o livro com base nos seguintes estilos, não necessariamente nesta ordem: os contos – “O P.T.A ou a história de Maria Eliete”, “Dez alusões em Itapecuru ou as desilusões de Amarilde”, “Vila palmeira/Centro”, “Raimundo Honório” e “Rosa Flor”; os poemas - “O canto dos quintais”, “Rio Itapecuru”, “Vendaval”, “Reedificação”, “Uma ladainha para o Rio Itapecuru”, “As devotas”, “Uma imponente Chaminé ou a casa do Homem Branco”, “O calor e o Azul”; as crônicas - “A bicicleta vermelha e dois mercadores”, “Sete histórias sobre uma cigarra itapecuruense”, “Uma sexta feira em 1940”, “Pop Som 8”, “O Circo Mágico Alakazan”, “João Batista e o raio”, “Coração de Jesus”, “mês de junho”, “Casa de Ana Júlia”, “Seu domingos e o ônibus”, “A história do TEIT”, “A Boite Guaracy”, “Ginásio Bandeirantes x Leonel Amorim”, “A voz do Tabajaras”, “O Cine Kennedy”, “O festejo de São Benedito”, “Um certo Joaquim Carcereiro”, “O grupo Escolar Gomes de Sousa”, “Bola verde x Piratas”, “A quitanda da Helena”, “Uma TV na praça Gomes de Sousa”, “O 1º de Maio, Orlando Mota e Ozanan” e; uma entrevista com João Silveira.

Tal obra enaltece a literatura Itapecuruense apresentando em seu contexto as condições em que Itapecuru se encontrava nas décadas de 70 e 80, época em que a cidade se deparava, sem tecnologia e desenvolvimento, com momentos culturais de um povo humilde. Nas crônicas se observa a presença do cronista como narrador da sua própria história, descrevendo cenas do cotidiano que não se passam sem que o enquadramento da cena seja a própria visão do cronista contemplando a vida.

Neste âmbito, na tentativa de estabelecer um breve resumo do caminho percorrido pelo cronista Itapecuruense, esta monografia destaca a influente produção do artista, que não se constitui apenas na narrativa, como também se articula no campo artístico, fomentando a produção literária maranhense e Itapecuruense.

Inaldo Lisboa, em seu livro “Tudo azul no Planeta Itapecuru”, se comportou como um verdadeiro cronista ao recriar com riqueza de detalhes tudo o que registrou no contato direto e indireto com a sua cidade natal, evidenciando o quanto o cenário itapecuruense despertou o interesse de um observador dos seus acontecimentos. Além disso, as ideologias e estéticas constituídas e publicadas no livro, demonstram que o cronista construiu a sua identidade tanto em sua arte quanto em sua vida, ao

se fundir, praticamente, com o mercado literário e a moralidade dos costumes de sua época.

Entretanto, torna-se imprescindível dar uma atenção maior por meio desta monografia às crônicas contidas no já citado livro, dentre as quais se destacam: “A bicicleta vermelha e dois mercadores”, “João Batista e o raio”, “A voz dos Tabajaras” dentre outras não menos importantes. Ainda há muito para ser estudado na obra de Inaldo, visto que este cronista surpreende a cada linha lida ou relida em seus textos.

Complementando as ideias tecidas, Inaldo Lisboa, diz que “Nesse zap-zap, o tempo e as personagens se misturavam na minha cabeça e tudo vinha e tudo surgia, passado e presente, como uma tempestade surreal (LISBOA, 2005 p. 29).

Por isso mesmo, admite-se que as discussões sobre a obra “Tudo Azul no Planeta Itapecuru” relacionadas às publicações do escritor no mercado editorial maranhense, trouxeram à tona reflexões deixadas pelo seu passado, revelando o ambiente cultural e literário de Itapecuru-Mirim, no qual o autor situa-se como personagem e como criador.

Podem-se apontar muitas características particulares do gênero nas crônicas de Inaldo Lisboa presentes no diálogo do autor com a cidade. Para isto, serão utilizados trechos de algumas de suas crônicas, que evidenciam algumas características, dentre elas: A observação direta do autor, que leva a uma construção social e cultural instável do espaço da cidade, ficando definida e demarcada com pinceladas a presença de corpos da cidade na paisagem fulgurante em que se encenam o amanhecer, o entardecer e o passar das horas e dos dias.

Pode-se perceber claramente essa passagem na Crônica “A bicicleta vermelha e dois mercadores”, no trecho seguinte: “Enquanto ele pelejava e sonhava com seus projetos, eu me envolvia com raios de um sol imensamente dourado que surgia por trás das palmeiras de babaçu” (LISBOA 2005, p.28).

Da mesma forma, a noite e as festas na cidade são lembradas e vistas na crônica “A Boite Guaracy”. É através delas que Inaldo passeia no tempo das histórias e causos da vida, no dia a dia dos personagens e assim justifica a missão de cronista da coletividade, sendo ele a voz das tantas vozes, o narrador da irmandade.

Em relação ao enunciado, na já citada crônica pode-se observar o seguinte trecho citado Por Inaldo Lisboa (2005, p.67):

Um dos fatos curiosos ocorridos nesses tempos é que era considerado desrespeito à igreja, amoral e aos bons costumes a realização de festas no período da quaresma. Roberval ignorou mais essa norma e resolveu continuar com suas festas domingueiras. Foi um Deus nos acuda.

Partindo-se desse ponto de vista, podem-se citar acontecimentos importantes da infância do autor na crônica “A bicicleta vermelha e os dois mercadores”, onde o mesmo registra fatos vividos e ouvidos com a presença de personagens ligados à sua vida familiar e social:

Primeiramente meu pai ia conduzindo a bicicleta, eu, com idade entre cinco e seis anos, ia sentado no varão do veículo, e um saco de “cuim” era transportado na garupa. Quando chegamos a Santa Rosa, a carga foi entregue e eu passei a viajar na garupa; foi assim até alcançarmos o alto da curva do Mundico Matos e avistamos o campanário da matriz de Nossa Senhora das Dores e os telhados do casario da cidade. (LISBOA, 2005 p. 25)

Num primeiro momento, nota-se a presença de um narrador-autor que está passeando por suas lembranças de infância. Este trecho inicial possibilita perceber um diálogo com o leitor, onde o narrador-autor justifica sua pretensão e objetivo, abordando questões humanas com uma singeleza muito particular fazendo com que o leitor se sinta tocado e se identifique com o episódio narrado.

A postura de personagens reais vem à tona em nomes renomados da memória da cidade, nomes estes como o de João Batista, Mariana Luz, as irmãs Helena e Nazaré Mubarak, Orlando Mota e Ozanan, que se tornaram integrantes da arte escrita no meio em que se deu a sua produção, deixada neste primeiro volume da obra destacada anteriormente.

Vale mencionar a mudança de enunciação das crônicas como registro não somente de fatos, mas também do ambiente retratado de sua terra natal, de forma a construir um diálogo significativo entre as memórias da cidade de Itapecuru-Mirim e o leitor.

A postura de Inaldo Lisboa torna-se referida à paisagem antiga posta aos que não percebem as suas mudanças em relação as características da região itapecuruense, assim como a indiferença ao cenário que são relatados sobre pontos turísticos quase que extintos nos tempos modernos denotando um tipo específico espaço em meio outros contextos atuais.

A relação do cronista com o espaço da cidade se dá em relação com sua vivência, porque não precisa mais andar por aquele espaço para a subsistência e sim para sua própria relação com a temporalidade de fatos refletindo assim na relação entre permanência e mudança da própria cidade.

Fica implícito a chegada da urbanização no levantamento da paisagem da cidade, a crônica emerge como “sintoma” da modernização. A partir dessas memórias literárias é possível recriar novas estratégias para a preservação da memória artística de um povo, baseando-se nas diferentes apreensões já existentes sobre um determinado contexto, dotadas de instrumentos formais de bem sociocultural, estabelecendo neste cenário, um sentido de pertencimento, pois de muitas histórias e lembranças e de muitos vínculos narrativos é que se constitui um povo, permitindo ressignificações constantes aos momentos.

Em outra crônica, intitulada “O festejo de São Benedito”, o autor busca repensar uma nova ideia sobre o povo Itapecuruense e realçar os principais traços que caracterizam a formação da referida sociedade, proporcionando ao leitor sensações pautadas na imaginação de cenas cotidianas do passado do município que teve influente participação no contexto histórico, vista como um elemento de construção do pensamento social.

Um exemplo citado por Inaldo Lisboa apresenta-se na presença de elementos urbanos da cultura local na tentativa de aproximação dos leitores nas relações estreitas com o seu povo:

A imagem de São Benedito é carregada em um andor ricamente ornamentado com flores de várias matrizes. Muitos devotos disputam a vez de poder conduzir uma das alças da padiola em que o santo é transportado. Enquanto isso os foguetes, o badalar dos sinos e os hinos entoados pela multidão enchem os espaços da cidade (LISBOA, 2005 p. 29).

O autor Inaldo Lisboa deixa explícito em suas linhas, o sentimento de rememoração pelas características da vida contemporânea, num contexto marcado pela aceleração de ideias de que na memória espontânea nasce da criação da preservação do passado. Tais questões objetivas demonstram o leitor, mergulhado no contexto da crônica, compreendendo a postura do narrador.

O autor Inaldo Lisboa com suas ideias estéticas idealiza a figura dos itapecuruenses de forma realista do século XX, destacando a situação dele na

sociedade. É o que se pode perceber no fragmento abaixo retirado da crônica “Boite Guaracy”, no qual o autor recorda a pintura do local, as fofocas das reprimendas da igreja, dos namoros e das estórias de um suposto diabo que resolveu dançar na boite, detalhes esses retratados de forma precisa, como se lê a seguir:

A decoração da boate era formada por um grande telão pintado que mostrava uma índia sentada em uma pedra ao lado de uma paisagem tropical. Do teto pendiam balões de isopor pintado nas cores verde e rosa psicodélicos que ficavam bastante destacados com a luz negra. As paredes eram grafitadas com desenhos nas mesmas cores (LISBOA, 2005 p. 67).

No sentido ideológico, no diálogo mesmo do autor com o seu público, podem-se consolidar as suas crônicas numa espécie de marcas de formações dialógicas, onde os lugares narrados e os personagens concretos estão (de certa forma) diretamente relacionados com a realidade histórica e cultural de Itapecuru do séc. XIX.

O autor deixa ainda explícito em suas linhas, o sentimento de rememoração e a busca pelas características da vida contemporânea, num contexto marcado pela aceleração de ideias, de memória espontânea, nascendo para a criação de arquivos transformados em rituais de preservação do passado em uma sociedade onde o comando está na constante renovação.

Esses elementos apontados anteriormente, dizem daquilo que se pode nomear de alma dos personagens e também constituem objetos de estudo, concretizados em um tom de saudade dos tempos de outrora da vida do escritor, vividos por amigos, conhecidos e familiares, como é possível notar noutra crônica, nomeada: “A voz do Tabajaras”:

Eis, quem é o artista? De posse desta informação, procurava um elemento que me possibilitasse acompanhá-lo: a cor da roupa, o tipo de arma, as características do cavalo, um detalhe do chapéu ou a cara de um bom moço. Quando essa informação era ratificada, a narrativa tornava-se mais fácil de ser entendida e armava-se a torcida pelo herói (LISBOA, 2005, p.86).

Neste trecho, mais uma vez, percebe-se a presença do narrador-autor que aparenta conversar com o leitor através de uma linguagem despretensiosa, que permite identificar a descrição dos personagens e os fatos que constituem a crônica.

No mesmo sentido, Aldo Leite afirma sobre as crônicas de Inaldo Lisboa:



Neste momento, debruçando-se sobre sua história, oferecer-nos um prazer indescritível na leitura das “estórias” e personagens da sua cidade natal. Escrever-se sobre o objeto de nosso amor, muitas vezes cai-se no pieguismo das emoções, não alcançando o distanciamento crítico necessário para uma universalização da temática. (LEITE, 2007 p.14)

Em outras ocasiões, o olhar de Inaldo Lisboa, em meio a cidade, tende a buscar aquilo que lembra o atraso social e comercial dentro do espaço urbano, como em “A voz do Tabajaras”.

Em Itapecuru, até aquela época não havia nenhum armazém daquele porte e com tantas mercadorias em exposição sobretudo móveis e eletrodomésticos. As duas lojas da cidade eram a casa Comercial do Bebê e a do Zezinho Machado, ambas especializadas apenas em tecido e confecções[...] (LISBOA, 2005, p.79).

Contudo as construções literárias nas crônicas são sempre imagens poéticas que arrebatam o leitor e levam o corriqueiro da vida à categoria do que realmente é importante, criando-se assim um diálogo no seio da cidade de Itapecuru-Mirim com os seus leitores.

#### **4 TUDO AZUL NO PLANETA ITAPECURU: Um novo olhar sobre a crônica Itapecuruense**

Compreender a história da cidade através dos personagens de maior destaque na cultura itapecuruense, faz com que a análise historiográfica e literária pautada nas crônicas se abra às experiências humanas e às transformações sociais que ocorrem, sendo apreendidas com maior profundidade.

Assim, como Inaldo Lisboa viveu boa parte da vida em Itapecuru-Mirim, foi frequente o retrato das suas transformações ao longo dos anos. A cidade tornou-se cenário fundamental para o desenvolvimento do gênero crônica, que encontra sua peculiaridade nas semelhanças literário e historiográfico. De sua parte, se presta a contribuir ativamente para a construção da memória social da cidade.

Nas narrativas é possível perceber a transformação do espaço urbano da cidade de Itapecuru, de certa forma o seu crescimento, resultando na construção de vários espaços distintos dentro da mesma cidade ou mesmo do próprio cenário cultural. Essas transformações no ambiente, a construção de novos espaços entre os espaços já vigentes são comuns se observarmos na história da cidade, destruição de áreas históricas, assim como descaso ou desconsideração das existentes.

O público leitor da obra perante este assemelha-se a um espectador que assiste a um filme, pois a ele é dada a oportunidade de associar situações independentes que compõem a manta de retalhos do cotidiano da cidade.

Em suas crônicas Inaldo Lisboa assume a postura de narrar a partir do cotidiano, sem se preocupar tanto com explicações, informações e o encadeamento preciso dos acontecimentos, mas principalmente em descrever e interpretar, marcado por digressões subjetivas na maneira de enquadrá-las no fluxo do mundo da vida.

A tudo isso Inaldo Lisboa impregnou com o seu toque existencialista uma parte de sua realidade para criar suas crônicas como parte e exemplo de um projeto literário que criou, compartilhando a cena da cidade e o exercício da escrita. Os espaços da cidade de Itapecuru foram definidos e demarcados com pinceladas vivas da presença de personagens fulgurante em que se encenam o amanhecer, o entardecer e o passar das horas e dos dias na sua cidade natal.

A multiplicidade do gênero crônica se expandiu no território brasileiro torneado de significado multicultural, acessível a uma grande parte da população por ser um texto leve, (na maioria das vezes) permeado de humor, veiculado em páginas de

diversos jornais, adquirindo uma grande aceitabilidade por estar dotado de domínio literário.

Entretanto, apesar de ser considerada por muitos como um gênero textual fictício, há de se convir que a crônica demonstra em seu segmento estrutural o cotidiano social dentro de um contexto de sucessão temporal, recriando a realidade de acontecimentos diários aos recursos linguísticos do autor.

Desse modo, muitos cronistas utilizam a crônica para aproximar a língua falada da língua escrita e materializá-la num texto informal, simples, heterogêneo, recriando a realidade, o cotidiano, e transformando o coloquial em lirismo e ironia, numa paráfrase às ideias de Ferreira (1990, p. 165).

Nesta perspectiva, pode-se dizer que o cronista e a sua obra narram os fatos de acordo com a sua ótica, levando em conta suas memórias (que se faz viva no historiador), visando a articulação do saber histórico e suas experiências ideológicas, proporcionadas através de seus relatos vividos, aspectos inseparáveis do tempo.

Eis assim que a cidade maranhense de Itapecuru-Mirim vira palco magistral de inspiração de narrativas captadas pelos cronistas de sua terra, com a intenção primordial de preservar o tempo vivido por eles e todas as transformações deste período para que, aqueles que viveram a época narrada, recordem com riqueza de detalhes os acontecimentos e para que aqueles que não viveram tal período, possam tomar conhecimento pósteros a estes fatos.

Neste cenário, a literatura itapecuruense se consolida enquanto tradição documental desde o período colonial, quando homens eram enviados ao município para escrever ofícios e relatórios de acordo com as exigências burocráticas pela corte portuguesa, em junção do imaginário com o mundo dos negócios.

Daí a necessidade de reforço das memórias ao passo que nasce em um momento de reflexão, com o intuito de transmitir valores centrados na vida cotidiana, onde se tinha como ponto fundamental a transmissão da cultura através de relatos.

Assim sendo, a obra de Inaldo Lisboa “Tudo azul no Planeta Itapecuru”, surge no âmago da sociedade itapecuruense, enfatizando em seu contexto, vínculos com as relações sociais do século passado, nos quais constituíram um diálogo entre o autor e o leitor, especialmente os leitores itapecuruenses, numa espécie de verossimilhança entre os personagens da cidade e a ênfase literária.

Desta feita, Inaldo Lisboa a partir de suas narrações, deixa explícita uma ascensão de gratuidade e do tom ligeiro nas entrelinhas de suas crônicas de forma mais nítida, evidenciando uma busca maior da produção sócio cultural.

Corroborando as informações supracitadas, Cosson (2012, p. 17) colabora dizendo que “a literatura tem poder de se metamorfosear em todas as formas discursivas. Ela também tem muitos artifícios e guarda em si o presente, o passado e o futuro da palavra”.

Certamente, as crônicas itapecuruenses destacam-se em um amplo espaço literário, muito além da incorporação crítica de discursos, os quais servem para a construção de um saber relevante da sociedade itapecuruense, além de ampliar os horizontes do leitor adquirindo, assim, compreensão, poder de argumentação crítica das obras literárias através de um diálogo histórico.

Em configuração renovada, este espaço social assume lugar de excelência cultural, acompanhada cada vez mais de memórias, sobretudo na década de noventa, quando a cidade de Itapecuru-Mirim vive tempos de esplendor, mas também de fatos avessos à cultura do município.

Dessa maneira, o autor contribui com uma comunicação prática e cultural dotada de significância inerente ao texto, inserida numa situação mais ampla de experiências pessoais e sociais diversas, de modo a interferir na sociedade mediante a dimensão história que se encontra.

O registro da história e da memória humana é uma fonte de informação que se dá, atualmente e em grande parte, por meio dos documentos gerados pelas atividades desenvolvidas no meio social. Esses registros passam a ser rica fonte de informação ao contexto do enunciado e a fonte do discurso, como recurso de renovação metodológica para o aprendizado por parte do leitor.

Nesse sentido, torna-se fácil observar a intensidade e sensibilidade com que o autor consegue captar a dinâmica social na qual se insere o diálogo com as pessoas, a convivência cordial, o contato permanente com o leitor da sua época e da contemporaneidade que não levou o cronista a um estado de passividade e suspensão crítica em relação aos homens e às coisas ao seu redor. Pelo contrário, o ato cotidiano dos personagens e acontecimentos lhe proporcionou extrair sutilezas de um olhar clínico e sensível.

Assim, o autor Inaldo Lisboa ressalta a construção da memória histórica ao acesso à informação cultural entre o seio da cidade. Neste sentido, entende-se que o

acesso à informação de acontecimentos passados é a base para a construção da memória e se destaca sobre a relação do acesso à organização dos suportes empregados durante a leitura das crônicas.

Nesta perspectiva, é possível compreender a ligação que as crônicas possuem com a história e a memória, por meio de fatos registrados, ou seja, por meio dos escritos. Esta importante relação evoca aos cidadãos a busca por memórias passadas, e instiga ao resgate de sua identidade. Assim, em meio a esta contextualização, a sociedade pode ser considerada como o eixo dessa relação.

#### **4.1 Resumo da obra**

A obra literária de Inaldo Lisboa “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, lançada em 2005, é uma coletânea de crônicas, contos e poemas, contendo ainda uma entrevista com o imortal itapecuruense João Silveira, que abrange um período que vai de 1970 a 1980 na cidade de Itapecuru-Mirim, com lembranças que recontam os fatos acontecidos no século passado a determina sociedade composta por gente humilde e trabalhadora.

No prólogo da obra o escritor Inaldo Lisboa se equipara com outro autor conterrâneo Benedito Buzar que valida a sua história em uma comparação descrita de Inaldo com Zuzu Nahus, um cronista itapecuruense que retratava suas crônicas no Jornal correio do Nordeste, dedicadas à sua terra natal, editadas nos anos sessenta do século passado, no bojo das quais traduzia com propriedade de sentimentos a sua infância e os acontecimentos vividos por ele e seus amigos durante sua juventude.

São diversos os acontecimentos e temas que se estruturam no livro, dentre eles a (saudades, a rivalidade, a religiosidade etc.), tendo a abertura com “Um voo rasante pelo Planeta”, que descreve com clareza de detalhes uma tarde ensolarada da cidade de Itapecuru-Mirim diante da infinidade azul do céu planeta que pede socorro a Nossa Senhora das Dores Padroeira da cidade, pelo rio que segue silencioso.

Dar-se continuidade pela entrada dos personagens no “E as histórias começam”, com o surgimento de alguns dos personagens das crônicas trajadas para o desfile de sete (07) de setembro na Praça da Igreja- Padre Albino Campos ao som de uma banda musical, dentre eles destacando-se o professor João Silveira com seu discurso festivo, Mariana Luz pronta para declamar uma poesia de sua autoria, João Batista prestes a encenar a “Paixão de Cisto” vestido com sua fantasia de Pilatos, os

integrantes do POP Som liderados por José Raimundo Beleu, Homem branco, olho de tatu, Maria Babona, Berto doido e Pãozinho com trajes maltrapilhos usados nas ruas da cidade.

Os artistas do circo Alakazam em uma das suas paradas na cidade, Abdala Buzar Neto, Ana Júlia e Joaquim Carcereiro grandes rezadores, Raimundo Honório um grande nadador que a cidade já conheceu, Seu Domingos motorista do ônibus intermunicipal, alunos do Ginásio Bandeirantes e Grupo, Escolar Gomes de Sousa, Escola Paroquial, todos sob o imenso azul do Planeta.

Porém, o tema da honra predomina nas narrativas que chegam em primeira instância no livro, compondo-o com vinte e uma crônicas no total (“A bicicleta vermelha e dois mercadores”, “Sete histórias sobre uma cigarra itapecuruense”, “Uma sexta feira em 1940”, “Pop Som 8”, “O Circo Mágico Alakazan”, “João Batista e o raio”, “Coração de Jesus”, “mês de junho”, “Casa de Ana Júlia”, “Seu domingos e o ônibus”, “A história do TEIt”, “A Boite Guaracy”, “Ginásio Bandeirantes x Leonel Amorim”, “A voz do Tabajaras”, “O Cine Kennedy”, “O festejo de São Benedito”, “Um certo Joaquim Carcereiro”, “O grupo Escolar Gomes de Sousa”, “Bola verde x Piratas”, “A quitanda da Helena”, “Uma TV na praça Gomes de Sousa”, “O 1º de Maio, Orlando Mota e Ozanan”), o que leva à ponderação sobre a cultura, na qual espaço e tempo estão em questões que captam flagrantes da vida cotidiana que o autor viveu ou testemunhou.

O conto também compõe a obra, com uma quantidade expressiva de cinco contos, sendo eles: “O P.T.A. ou a história de Maria Eliete”, “Dez alusões em Itapecuru ou as desilusões de Amarilde”, “Vila palmeira/Centro”, “Raimundo Honório” e “Rosa Flor”. Igualmente, fatos e personagens históricos interligam-se à ficcionalidade no registro da sociedade, permitindo ao leitor uma apreciação desse encadeamento, confirmando, portanto, a vitalidade narrativa de Inaldo Lisboa e o seu grande talento literário.

Este autor vem contribuir com uma entrevista marcante com o imortal Professor João Silveira, prosseguindo por fim com os poemas que totalizam em oito, sendo eles: “O canto dos quintais”, “Rio Itapecuru”, “Vendaval”, “Reedificação”, “Uma ladainha para o Rio Itapecuru”, “As devotas”, “Uma imponente Chaminé ou a casa do Homem Branco” e “O calor e o Azul”, finalizando com a biografia do autor Inaldo Lisboa.

## **4.2 Proporções entre a crônica histórica de Inaldo Lisboa e a contextualização com sua própria história**

Considerando o que foi apresentado e discutido nesta monografia, Inaldo Lisboa, de fato, refletiu e escreveu acerca daquilo que se denomina “identidade cultural”, abordando em especial as suas crônicas com inúmeros aspectos dessa identidade, visto que a história de sua vida é o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, com a sua intermediação enquanto pesquisador. É um trabalho coletivo de um narrador-sujeito e de um intérprete.

Com efeito, o autor atribuiu diversas características relativas ao cuidado com a memória e os aspectos sociais da cidade de Itapecuru-Mirim, sob sua ótica saudosista na década de 70 e 80, retratando em suas crônicas as situações da sua própria realidade, fixadas em constante sensibilidade de um povo em formação.

Não há dúvida que Inaldo Lisboa pretendeu expor sistematicamente o seu próprio pensamento sobre as qualidades e a história de sua cidade natal, num trabalho útil que viesse a favorecer o desenvolvimento fértil e produtivo da literatura de Itapecuru, num esclarecimento proveitoso aos leitores do verdadeiro sentido da arte.

Neste contexto histórico, a admiração pela cidade natal, onde viveu durante toda a sua infância e juventude, é presenteada com poemas, contos, crônicas e peças teatrais que exaltam suas belezas naturais, sua gente, a dinâmica do seu cotidiano e tantos outros aspectos. Além do mais, não chega a ser novidade defender a ideia de que caracterizou em mínimos detalhes, a sociedade em que viveu. Afinal de contas, Inaldo Lisboa é uma representação de identidade cultural da cidade de Itapecuru-Mirim.

Assim, com o ar descompromissado o autor reproduz lembranças de sua infância unindo o contexto social em que se move e o constante diálogo com o tempo, aliado pela releitura do passado por intermédio da memória individual e, nesse caso, representam também a memória coletiva da sociedade.

Neste ponto, é importante ressaltar o fato de que esta visão sobre o passado nas crônicas de Inaldo Lisboa não se configura como mera contemplação saudosista ou enquanto uma mera memória lembrada, mas vai além, pois evoca constantemente a presença de um passado a ser preservado e inscrito na memória do tempo presente.

Um aspecto sobre o qual a escrita da obra se deu costuma se aludir na relação entre trajetória individual e história social e, Inaldo Lisboa nesse contexto entre uma trajetória de vida e uma história social, supõem um modelo linear de determinação apropriando da própria subjetividade.

Faz-se importante ressaltar que as crônicas itapecuruenses redigidas em meio às décadas passadas, continua se firmando na atualidade do início do século XX, pois não impediu que o autor que mostrasse, por meio do lírico reflexivo, as aventuras, as tristezas e as alegrias, presentes na sociedade de Itapecuru-Mirim. Essa transposição, contextualização para a sociedade atual, faz adaptações no que diz respeito aos meios de transporte, a denominação da moeda na época, as normas ortográficas utilizadas hoje em dia, enfim, o que muda são apenas os objetos inseridos na história, ou seja, adotam um novo corpo, ganham outra forma.

No entanto, ao contrário as formas foram aprimoradas a uma essência contínua atual na crônica de 1970, pois as personagens são outras, mas continuam sensíveis à memória da sociedade.

Interessante notar que o início das crônicas sobre a chegada a cidade de Itapecuru-Mirim, coincide com o surgimento dessa peculiar paisagem territorial da cidade, adjetivando alguns pontos históricos, dentre eles a ferrovia que ligava São Luís a Teresina - a antiga REFFSA (Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima), as praças do mercado e Gomes de Sousa, a escadaria da prefeitura, a BR 135, algumas avenidas, a curva de Mundico Matos e o próprio Rio Itapecuru, que contribuíram para o progresso da cidade.

Levando-se em consideração esse importante aspecto de ciclo com começo e fim, culminando em um enredo pautado pelas ações dos personagens e seus comportamentos no meio social, cabe ainda destacar que, em comum, a roupagem romântica predomina em alguns de seus personagens preferencialmente do tempo em que escrevem o cotidiano da região.

Com essa ressalva, Inaldo Lisboa remete às crônicas como um registro do cotidiano da cidade, de suas expressões, suas falas, algo que faz dos despreziosos textos, obras ricas de um significado linguístico. A cidade é ainda um espaço simbólico, com códigos próprios, lugar da comunicação, dos conflitos sociais urbanos, de troca de experiências.



A realidade é interpretada e os fenômenos são observados como parte de um fenômeno maior, integral, sendo a paisagem percebida pelo indivíduo não como soma de objetos próximos, mas de forma simultânea. Nesse sentido a paisagem é apreendida de forma “holística” (MELO, 2001, p.33).

Em contrapartida ao exposto anteriormente paisagem da cidade contém em sua materialidade contém uma significativa dimensão simbólica que permite que a mesma seja compreendida numa organização narrativa.

Como se pode perceber, Inaldo Lisboa buscou uma identificação direta com os moradores da cidade, numa escrita que destaca a admiração nutrida pelos personagens reais em relação a uma tradição ambiental, construídas a partir de um recorte realista de lembranças de cunho social, no qual enfatiza alguns recortes de informações implícitas a respeito de Itapecuru, que permitem fazer uma avaliação da realidade em que se encontrava a vila e sua situação econômica, que gozou outrora de grande importância de dados estatísticos significativos, que mostrava a situação de Itapecuru.

### **4.3 Análise do enredo**

Neste livro, Inaldo Lisboa propõe uma significativa série de fatos ocorridos que resultaram em registros memorialísticos da cidade de Itapecuru-Mirim, destacando-se em especial a importância das crônicas que contemplam a cultura e os personagens históricos da cidade, entrelaçado por um vínculo reflexivo entre as memórias do autor e seu público. As histórias são narrativas descritas por Inaldo Lisboa que demonstra não se prender a uma definição categórica, mas que ao longo do tempo vem tomando variadas formas.

Pretende-se, neste sentido, analisar as características do enredo da crônica em destaque: “A bicicleta vermelha e os dois mercadores”, buscando-se apresentar como o autor lida com o fato de que existe sempre uma personagem que surge nas suas lembranças num contexto saudosista através de suas histórias, destacando sua sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade, e o senso crítico.

Assim, de acordo com Candido (2000, p. 87), a existência do enredo se dá por meio dos personagens e essas se projetam através do enredo. Essa ligação mostra as intenções da obra, ao passo que as personagens podem ser caracterizadas como planas ou estáticas, evolutivas ou esféricas.

A crônica “A bicicleta vermelha e seus dois mercadores” é a primeira crônica que compõe o livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, fazendo uma reflexão sobre a vida e os acontecimentos do dia a dia do autor, tanto na vida social como particular, englobando uma mistura de passado e presente em um contexto surreal. Além disso, posiciona-se diante do mundo influenciando diretamente a vida do autor.

Inaldo Lisboa inicia sua crônica apresentando dois personagens mercadores, protagonizados pelo próprio autor (Inaldo Lisboa) e o pai Raimundo Nonato Lisboa, que prosseguem em uma viagem de três horas em uma bicicleta vermelha, de um pequeno povoado às margens da BR 135, denominado São Francisco, no município de Itapecuru-Mirim, até o centro desta mesma cidade, lembrando o seu passado, durante sua infância quando possuía entre cinco e seis anos de idade.

Os dois mercadores seguiam na BR 135, primeiramente o pai conduzindo a bicicleta vermelha com o filho no varão do veículo e um saco de “cuim” (pó resultante do descascamento do arroz) na garupa, fazendo uma pequena parada para entregar uma encomenda no povoado de Santa Rosa, onde após a entrega da mercadoria, o filho passa a ser transportado na garupa do veículo. Durante o percurso, os dois observavam a paisagem da estrada até avistarem a curva do Mundico Matos e os trilhos da estrada de ferro, próximos da entrada da cidade de Itapecuru-Mirim.

Depois de algum tempo chegaram à ponte do rio Itapecuru, momento este em que as lembranças invadiram a memória do autor no embalo da bicicleta vermelha. Eis que surge a primeira lembrança na cabeça do autor na pessoa do professor João Silveira que discursava na escadaria da prefeitura, a poetisa Mariana Luz declamava uma de suas poesias do seu único livro publicado “Murmúrios”, Joaquim Gomes de Sousa, um dos grandes matemáticos já existentes no Brasil fazia seus cálculos na praça que leva o seu nome.

Nesse mesmo instante, na Praça do Mercado, havia uma grande movimentação de pessoas na feira e Seu Valdomiro, esposo de dona Silveira e vizinhos dos meus avós comentavam sobre a prisão do negro Cosmo, líder da revolução popular “A Balaiada” que iria ser julgado enforcado em plena praça popular as ordens da tropa de Duque de Caxias.

Mulheres com potes na cabeça dirigiam-se para a fonte da Miquilina onde a maioria da população buscava água, ao som do badalo do sino da Paroquia de Nossa Senhora das Dores em que o padre Albino Campos celebrava sua última missa.

Dona Eliete, diretora do Grupo Escolar Gomes de Sousa ensinava os alunos a cantarem o Hino Nacional e ficava irritada com os erros que os alunos cometiam. Acordávamos ao estrondo de foguetes com uma animada alvorada para a festa de São Benedito. A partir desse momento o autor percebe-se envolvido em suas lembranças, quando é interrompido pelo pai que o avisa sobre a chegada dos dois a cidade de Itapecuru-Mirim.

Depois de algum tempo os dois personagens são recebidos carinhosamente por dona Filoca, oferecendo-lhes café preto com cusuz de arroz molhado com leite de coco babaçu, sendo estes surpreendidos por Sr. Fausto Lisboa que chega com um “cambo” de peixe (espécie de gancho feito com galhos para acomodar e/ou transportar pequenas pescas) que pescara no igarapé afluente do rio Itapecuru. Então Inaldo Lisboa afirma estarem em Itapecuru.

A crônica de Inaldo Lisboa “A bicicleta vermelha e dois mercadores” está organizada em 12 parágrafos. Nela, o processo narrativo do tempo é cronológico histórico, pois faz referência a fatos históricos reais, referentes à época passada apresentando uma realidade histórica do passado em forma de *flashback*, como se nota no seguinte trecho: “Naquela época, final dos anos sessenta, morávamos em São Francisco, um pequeno povoado as margens da BR 135” (LISBOA 2005, p.25).

O foco narrativo da crônica é em primeira pessoa, feita por um narrador personagem que assumi a condição de narrador protagonista, firmando-se de traços subjetivos em envolvimento emocional no decorrer da história, que tem uma relação íntima com os outros elementos da narrativa

Já era dia claro quando meu pai e eu chegamos a Itapecuru após três horas de viagem na bicicleta vermelha. Era uma viagem que ficaria marcada em minha vida. Ainda guardo a sensação de arrepio que o frio da madrugada causava em minha pele (LISBOA, 2005, p. 25)

Por esse trecho, vê-se que o narrador possui características subjetivas, além de participar da narrativa.

O tempo presente na narrativa funciona de forma construtiva com total domínio pelo autor que consegue com maestria desencadear os fatos através de tempo cronológico e psicológico no decorrer da história.

O tempo cronológico divide-se pelo turno da manhã onde a história se passa, ao mesmo tempo que se atém ao final dos anos sessenta “Naquela época, final dos

anos sessenta, morávamos em São Francisco, um pequeno povoado as margens da BR 135 [...]”.

O tempo psicológico é o tempo individual do narrador, que sente a passagem do tempo com influência de suas emoções e sentimentos determinando a passagem do tempo internamente “Estava tão envolvido em meus devaneios que quase não me dei conta quando meu pai me pegou pelo braço e disse alegremente” \_ “Chegamos” (LISBOA, 2005, p.32)

Nesta narrativa percebe-se uma dualidade no modo de representação do espaço, tendo em vista que ela apresenta espaços cujas funções são, predominantemente, de cenário da ação, isto é, de local de desenvolvimento das ações. Os acontecimentos durante a narrativa possuem um espaço físico e psicológico, pois é composta no âmbito autêntico da cidade de Itapecuru-Mirim, utilizando a cidade como cena onde se desenrolam as atuações dos personagens ou a paisagem na qual eles se movimentam ao mesmo tempo em que o espaço psicológico surge nas memórias do personagem através de lembranças de determinado período e fatos passados. “Nesse zap-zap o tempo e as personagens se misturam na minha caça e tudo vinha e tudo surgia, passado e presente, como numa tempestade furiosa surreal (LISBOA, 2005, p.28-29).

As personagens nas crônicas da obra “Tudo Azul no Planeta Itapecuru” são bem construídas dentro da obra. Como protagonistas apresentam-se Inaldo Lisboa (o menino) e (o pai) Raimundo nonato Lisboa. As características do menino na narrativa se definem como um menino de idade entre cinco e seis anos de idade, ingênuo e sonhador, que nascera da cidade de Itapecuru-mirim e residia em um pequeno povoado as margens da BR 135, possui uma linguagem simples e formal. O pai Raimundo Nonato Lisboa apresenta características implícitas durante a obra, homem trabalhado e empreendedor que responsável pelo posto fiscal do povoado São Francisco e no seu tempo livre realiza atividades extras que lhe trouxessem renda extra.

Mas meu pai sempre foi um homem empreendedor. Para garantir o sustento da família, aproveitava os momentos de folga do trabalho e realizava atividades que lhe trouxessem algum renda extra. Foi vendedor de cuim, ração para porco, feita a partir da palha de arroz,- foi fabricante de vinagre, foi criador de frango, foi dono de um bananal, foi proprietário de quitanda e foi motorista (LISBOA,2005, p.28).

Neste contexto, eis que surgem outros personagens secundários, cujas características não são estritamente bem definidas na obra. Como personagens secundários mostram-se João Silveira, Mariana Luz, Sr. Valdomiro, Dona Silveira, Dona Eliete, o padre Albino Campos e os avós paternos Dona Filoca e Sr. Fausto Lisboa

O método de construção da crônica analisada anteriormente “A bicicleta vermelha e seus dois mercadores” possibilita a exposição característica e peculiar cultural itapecuruense, inserindo fatos e personagens históricos em contextos e épocas diferentes. A linguagem usada para tornar isso possível é uma grande mistura de termos maranhenses de falares regionais

## 5 METODOLOGIA

A construção desta monografia valeu-se da pesquisa bibliográfica como forma de obtenção de dados como investigação e estudo de caso cujo objetivo é descobrir fatos que comprovem um campo de conhecimento.

Para Santos (2004, p.61), “o trabalho de pesquisa visando a construção do conhecimento desenvolve-se por etapas, que se constituem num método, num caminho do processo [...]que quer boas doses de trabalho intelectual e braçal”. Esta pesquisa se enquadra na modalidade de monografia, pois trata-se, segundo Marconi e Lakatos (2007, p.237) “de um estudo sobre um tema específico ou particular, com suficiente valor representativo e que obedece a rigorosa metodologia”.

### 5.1 Tipo de pesquisa

A metodologia desse estudo baseia-se na realização de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório com abordagem qualitativa, considerando que, dessa forma, seja possível confrontar teorias, para que o estudo se mostre mais significativo. A pesquisa bibliográfica possibilita a formação de novos conhecimentos sobre o tema proposto, enquanto a pesquisa exploratória, por sua vez, busca a compreensão da realidade observada e a sua relação com a teoria que se pesquisou.

A pesquisa de cunho bibliográfico exploratória pautou-se em três eixos principais: A importância das crônicas de Inaldo Lisboa para a sociedade itapecuruense, o universo da crônica e o diálogo construído através das crônicas históricas de Inaldo Lisboa com a sociedade itapecuruense. Neste aspecto, ao estudar as crônicas do livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, encontraram-se convergências no diálogo construído com o público itapecuruense através das crônicas históricas sobre a cidade de Itapecuru, percebendo-se uma das mais eficientes interseções de enriquecimento entre a cidade de Itapecuru-Mirim e o leitor.

Na pesquisa bibliográfica foram consultadas várias literaturas relativas ao assunto em estudo, nos quais destacam-se: “Tudo Azul no Planeta Itapecuru” Volume um e volume dois de Inaldo Lisboa, “Mariana Luz vida e obra e outras coisas de Itapecuru Mirim” da escritora Jucey Santana, “O dia a dia da história de Itapecuru-Mirim” de Benedito Buzar, “, o que possibilitou que esta monografia tomasse forma para ser fundamentada no assunto referente ao contexto do estudo.

Ainda nesta mesma linha e segundo Marconi e Lakatos (1992, p.11), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações. Ela pode ser considerada como “o primeiro passo” de toda a pesquisa científica.

## **5.2 Técnicas de pesquisa**

Esta monografia se utiliza da técnica de pesquisa de estudo de caso, que busca explorar os sentidos e significações das crônicas do escritor itapecuruense Inaldo Lisboa sobre a sua cidade natal, tendo como enfoque o livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, pautando-se nas seguintes etapas:

- Leitura e análise da obra já referenciada;
- Estudo sobre a crônica e a literatura itapecuruense;

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Busca-se de forma harmônica explicitar a importância da literatura exposta através das crônicas de Inaldo Lisboa, a fim de formar cidadãos mais conscientes de sua sociedade de recuperar a natureza da qual se afastou, harmonizando-a com a cultura, equilíbrio este possível de ser alcançado através da literatura.

Em virtude dos fatos mencionados, a literatura possibilita às pessoas uma ampla reflexão na forma de ver a vida e sua permanência ativa no mundo, chegando a obter a função de documentar e registrar a história, através da tradição documental. É ela quem auxilia o pensamento social e os conceitos adequados para a construção ideológica da nação ao fazer o uso do conjunto de campo discursivo relacionam-se entre si.

Pensar na literatura baseada apenas na ficção é um preconceito errôneo que deve ser evitado, pois ela aponta novos caminhos, estuda a sociedade e seus problemas e vai muito mais além do que um mero passa tempo, pois se encontra em um campo de conhecimento literário indispensável para a construção histórica e social do indivíduo.

Dessa forma, fica claro que a literatura em seu amplo contexto é uma das portas de entrada para o mundo do conhecimento em seus diversos níveis, e desenvolvida dentro do meio social é fundamental para a formação do indivíduo. Além disso, para que ocorra uma interpretação entre as formas de comunicação literária é necessária a atuação de textos frente a esses desafios de levar o leitor a pensar sobre as competências adquiridas durante o tempo e especialmente da memória local.

Em virtude do que é explicitado, o processo do ato de participação do indivíduo como alguém que assume papel de forma atuante e construtiva na sociedade, deve ser trabalhado na aprendizagem de forma crítica e prazerosa, como um instrumento de construção teórica e metodológica de interpretação da realidade.

Em sentido literal, o gênero textual crônica adquiriu diferentes aspectos ao longo dos anos, como o caráter de relato histórico, que é o significado tradicional pela sua etimologia e com uma nova roupagem, passando a ser usada com o sentido específico generalizado em literatura estritamente ligada ao jornalismo.

Por isso mesmo, a crônica adentra a esse contexto social sendo um gênero literário produzido propriamente para ser veiculado na imprensa jornalística, de



finalidade utilitária, com o objetivo de agradar ao público leitor dentro de um mesmo espaço.

Considerada poética ou irônica, seus motivos são os acontecimentos rotineiros: a notícia em que ninguém prestou atenção, cenas cotidianas, tudo o que é comum, criando-se, assim, uma transcorrência do tempo. As crônicas costumam falar de costumes, de fatos recentes, de fatos antigos, arte, política e esportes. O fundamental é que o escritor busque no texto o clima de suavidade nas palavras. Aquele aparente descompromisso, aquele ir e vir, suavidade, deleite da leitura.

Em resumo a essa questão, o autor Inaldo Lisboa adentra ao contexto e demonstra capacidades para a produção de textos espontâneos, construindo hipóteses sobre a memória sem perder a facilidade de expressão que já adquiriram oralmente no convívio social.

A paisagem da cidade de Itapecuru contém em sua materialidade uma dimensão simbólica que permite que a mesma seja entendida enquanto texto, já encerrando em si uma organização significativa diante das narrativas. A dimensão das crônicas adentram a esse contexto com sentido importante em relação ao mundo narrado a medida em que a observação microscópica da cidade opõe-se a uma visão panorâmica e reflexiva numa relação com o tempo vivido, e no qual outras vivências coletivas tiveram lugar.

Nas atividades literárias envolvendo a diversidade de gênero crônica, o produto não é o mais importante, mas sim a própria ação, o momento vivido, construindo dessa forma um processo de ensino-aprendizagem com diferentes meios e estratégias, fazendo um trabalho eficaz e de suma importância para que uma sociedade inteira tenha mais estímulos e motivação para o seu desenvolvimento social.

Diante do que fora exposto, o gênero textual crônica existente na cidade de Itapecuru-Mirim reluz em seu seio uma narrativa sobre a sociedade passada, comentando não apenas a realidade, mas também o estado imaginário de uma época, sob a liberdade indescritível de pensamentos, transbordando em suas produções a liberdade de criação artística, respeitando sempre os limites do gênero, aquilo que o difere de outras narrativas.

A seleção de crônicas levantadas neste estudo monográfico levou em consideração justamente a apreensão de uma visão patrimonial da poética de Inaldo Lisboa, assim como tal poética se torna enriquecedora para o diálogo memorialístico com seu público.

Para tanto, os aspectos sinalizados pelo autor apresentam um caráter afetivo que revela como este mesmo autor consegue externalizar fielmente as características essenciais do gênero narrativo, com uma linguagem oral viva, subjetiva, leve, direta, descontraída, bem-humorada e envolvente de fatos do dia-a-dia.

Destacando a importância de suas crônicas sobre a sociedade de Itapecuru-Mirim em seu livro “Tudo Azul no Planeta Itapecuru”, Inaldo Lisboa acaba promovendo de forma significativa um diálogo histórico com a sociedade itapecuruense através de narrativas saudosistas.

Nota-se na escrita deste cronista uma linguagem que brinca com a realidade, transformando -na em escrita de plenas lembranças que se tornam por sua vez num marco para a sua cidade e o seu público, abusando da inteligência de comentar o fato de forma irreverente, inesperada e original.

Diante do elucidado pode-se considerar que a literatura está atrelada à função artística e é uma excelente ferramenta de aprendizado literário, pois serve de estímulo para a aprendizagem significativa do público, tornando-a divertida, prazerosa e gratificante.

A tipologia criada por Inaldo Lisboa em suas crônicas torna-se de suma importância para o contexto em que as histórias se passam e para a compreensão do gênero que não se apresenta como uniforme, mas, pelo contrário, como uma narrativa heterogênea.

Pode-se afirmar que o contexto social se apresenta como um grande número de crônicas que se propõem a refletir sobre os acontecimentos e personagens que marcaram aquela época. Além disso, uma característica da narrativa que merece ser destacada em suas crônicas é a polifonia, isto é, a confluência de vozes que no gênero se apresenta acoplada à análise do que se faz notar que o narrador dá voz ao próprio “eu”, como um cidadão que rompe barreiras entre a cultura e a arte de narrar e compor.

O leitor é convidado a ter uma relação com o espaço retratado, a medida em que é testemunha do processo de observação do próprio cronista. A cidade itapecuruense deixa de ser um mero espaço para, transformar num cenário constitutivo da vivência urbana.

A inscrição da cidade nas crônicas acaba por transformar as paisagens e os fatos da cidade num arquivo de experiências, permitindo ao indivíduo o reconhecimento do espaço que habita.

Portanto é visível durante o decorrer da obra analisada o entrelaçamento entre a literatura, o escritor, a sociedade itapecuruense e a história, que possibilita o surgimento do resgate memorístico, entendido aqui como diálogo que serve de reflexão sobre as relações culturais na literatura no seio da sociedade. Além disso torna-se evidente o ponto de partida da literatura aqui defendida neste estudo, ou seja, literatura como produto cultural histórico.

Logo é inevitável refletir sobre o reflexo cultura e qual a relação entre cultura e sociedade, essa reflexão servirá para uma compreensão melhor e de embasamento sobre a função social da literatura itapecuruense e seu entendimento como produto cultural.

De tal modo, conclui-se que o gênero literário utilizado pelo autor Inaldo Lisboa em sua obra, reluz a uma narrativa sobre a sociedade de Itapecuru que comenta não apenas a realidade, mas também apresenta o estado do imaginário de uma época social em desenvolvimento, sob a liberdade indescritível de memórias, transbordando a criação artística, respeitando sempre os limites do gênero, aquilo que o difere de outros gêneros.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL, MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Médio e Tecnológico, MEC, 1998;
- BUZAR, Benedito. **O dia a dia da história de Itapecuru-Mirim**-São Luís: Agosto: Lithograf - Indústria Gráfica e Editora Ltda,2014.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: **Ciência e cultura**. São Paulo. USP, 1972.
- CANDIDO, Antônio. **A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. In – A Vida ao Rés-do-Chão. Campinas, SP. Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992
- CANDIDO, Antônio. Formação da literatura brasileira: Momentos decisivos. 6. ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia Ltda., 2000.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- FERREIRA, Nélia do Nascimento. **A intertextualidade nas crônicas de Humberto de Campos (1910-1934)**. Porto Alegre: PUC, 1990.
- LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- LEITE, Aldo de Jesus Muniz. **Memória do teatro maranhense**. São Luís: EdFUNC, 2007.
- LISBOA, Francisco Inaldo Lima. **Tudo Azul no Planeta Itapecuru: Crônicas, contos, poemas**, São Luís, 2005.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed. p.43 e 44.
- MARTINS, Manoel Barros. Operários da saudade: Os Novos Atenienses e a invenção do Maranhão. São Luís: Edefma, 2006;
- MELO, José Marques de. **A crônica**. In: **CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org). Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras Editor, 2011.
- MENEZES, Rogério. **Relações entre a crônica, o romance e o jornalismo**. In: **CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex. Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**, São Paulo, Escrituras, 2002.
- SANTANA, Jucey. **Itapecuruenses notáveis**. São Luís. Gráfica Editora 360°, 2016.
- SANTANA, Jucey. **Mariana Luz: vida e obra**. \_Itapecuru-Mirim: editora,2014.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Metodologia científica**: a construção do conhecimento. 6.ed. Rio de Janeiro: DPe A, 2004.

SOUZA, Marcelo J.L. de. "**Espaciologia: uma objeção**" in: **O Espaço em Questão, Terra Livre, nº 5**, São Paulo, 1988.

VIVALDI, Martin Gonzalo. **Gênero Periódico**. Madrid. Paraninfo,2002 p.141. In:\_\_\_\_.  
MELO, Jose Marques. Apresentado em Lisboa: Veja,1986, p.141.

**ANEXO**

**Foto 1:** Polícia Rodoviária Federal, Povoado São Francisco, Itapecuru-Mirim, 2018



**Fonte:** Gisele Barros Moreira, Graduada em Letras – UEMA.

**Foto 2:** Povoado Santa Rosa em Itapecuru-Mirim.



**Fonte:** Gisele Barros Moreira, Graduada em Letras – UEMA.

**Foto 3:** Linha de ferro (Antiga REFFESA)



**Fonte:** Gisele Barros Moreira, Graduada em Letras – UEMA.



**Foto 4:** Cabeceira da Ponte do Rio Itapecuru



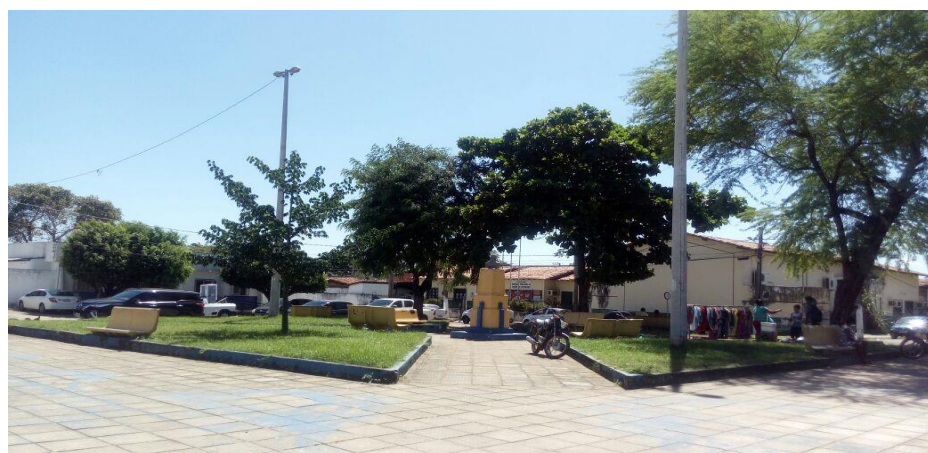
**Fonte:** Gisele Barros Moreira, Graduada em Letras –UEMA.

**Foto 5:** Prefeitura Municipal de Itapecuru-Mirim



**Fonte:** Gisele Barros Moreira, Graduada em Letras – UEMA.

**Foto 6:** Praça do Mercado



**Fonte:** Gisele Barros Moreira, Graduada em Letras – UEMA.